

O empresário da guerra e o seu cliente

Não se pense que a marcha de Prigozhin sobre Moscovo é um caso isolado e excepcional. Não é, pelo contrário.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 28 de Junho de 2023

Há duas coisas que os historiadores militares têm por certo: primeiro, que pelo menos desde o visigodo Alarico, que saqueou Roma em 410, até ao Grupo Wagner, a história está cheia de mercenários que se viraram contra o seu próprio “cliente”; segundo, que as guerras estão cheias de motins e não tanto por discordância com os objectivos políticos, mas antes por descontentamento com a conduta militar da guerra. Não raras vezes, as duas coisas andam juntas.

Convém lembrar isto para que não se pense que a [marcha de Prigozhin sobre Moscovo](#) é um caso isolado e excepcional. Não é. Pelo contrário, é um fenómeno recorrente que se inscreve numa longa genealogia de levantamentos mercenários que apresentam invariantes independentemente dos contextos históricos que os geram. Estes contingentes militares privados comandados por especialistas da guerra vendiam os seus serviços a quem deles precisasse e foram a forma de serviço militar normal desde a Idade Média até ao século XVIII.

A construção do Estado-Nação e a ideia da Revolução Francesa, do cidadão em armas, alterou radicalmente o recrutamento militar e introduziu o serviço militar obrigatório. Mas, ainda assim, quando os exércitos nacionais não podiam ou não queriam exercer plenamente a administração da força legítima, os Estados recorreram ao apoio complementar de forças mercenárias. Normalmente, para fazer a parte mais suja da guerra. A França e a Grã-Bretanha fizeram-no, longe do seu território e sempre em negação plausível, isto é, em contextos coloniais e negando ser os mandatários de tais acções indirectas.

Certo é que, depois de dois séculos de apagamento, os mercenários regressaram em força aos teatros de guerra, no pós-Guerra Fria, agora sob uma roupagem moderna e empresarial. São as empresas militares privadas ao serviço dos estados de que a Blackwater americana e o Grupo Wagner russo são apenas as mais conhecidas. Mas esta privatização da guerra, se traz ganho militar de curto prazo, comporta um alto risco político de longo prazo. Porque, se, por um lado, estas empresas fazem a guerra suja que os Estados negam fazer, por outro, quando a lealdade do líder ao Estado que o contrata desaparece, desaparece também a lealdade do grupo para com o lado da guerra que serve. E, não raras vezes, vira-se contra o seu cliente, ou seja, o Estado contratante.

E vira-se por razões materiais e por razões simbólicas. Porque não recebem o pagamento devido ou o armamento necessário. Porque verteram o seu sangue, se vêem como heróis, e não são reconhecidos pelos comandos militares ou pelos responsáveis

políticos. E viram-se sob a forma de motins, ou golpes de Estado. Uns vitoriosos, outros derrotados e outros nem uma coisa nem outra. Mas sempre com pesadas consequências políticas. Ora, a história de Prigozhin e do Grupo Wagner tem tudo isso e muito mais do que isso.

Permitiu à Rússia fazer a guerra suja e o saque das riquezas locais longe do seu território, em mais de 30 países, da Síria à Líbia, do Mali à RCA. Abertamente e sem necessidade de negação plausível. Em situação de fraqueza, a Rússia recorreu ao Grupo Wagner para suprir a ineficiência dos seus exércitos e mitigar os estrondosos fracassos militares na guerra da Ucrânia. Talvez Bakhmut tenha sido o seu único sucesso e ficou a dever-se às tropas Wagner.

Mas, então, porquê o fim-de-semana alucinante de 23-25 de Junho? Porquê a marcha sobre Moscovo, o *volte-face* e a retirada-relâmpago? A marcha, pela mesma razão de todos os motins: a competição com o exército regular e a hostilidade do alto comando militar: Shoigu e Gerasimov. Excêntrico e vocal, Prigozhin não os poupou. Pela discordância com a manobra táctica, o corte de munições e o ataque ao seu quartel. Numa palavra, pela contestação à conduta militar da guerra. E porquê naquele momento? Porque a data anunciada para a integração nas forças regulares se aproximava e Prigozhin recusava perder a independência como empresa militar privada. Resta saber porquê o *volte-face*?

A História diz-nos que nestes episódios há os que vencem e terminam em mudança de regime e há os que são derrotados e terminam exemplarmente punidos, se não fuzilados. Este terminou com um acordo, que é sintoma da força, ou da fraqueza, do regime. Por enquanto, Prigozhin continua vivo.

Os homens da Wagner não são punidos: podem integrar-se no Exército ou voltar para casa. E não sabemos se haverá mudanças nas chefias militares. Mas há uma coisa que já sabemos: o regime persiste, mas Putin está mais fraco.

<https://www.publico.pt/2023/06/28/opiniao/opiniao/empresario-guerra-cliente-2054818>